

## **WIKILEAKS: MOTOR DE MUDANÇA**

*Caio Augusto Guimarães de Oliveira<sup>1</sup>*

### **RESUMO**

O ativismo gerado pela busca por mudanças pode ocorrer quando algum acontecimento é capaz de alterar sentimentos, levando a ação. A mudança do comportamento é uma mudança no *habitus*. No presente artigo buscamos analisar como as informações divulgadas pela Wikileaks podem levar a mudança de *habitus*, gerando sentimento de mobilização, ativismo. Para isso, serão analisados alguns exemplos de vazamentos praticados pela Wikileaks e seus desdobramentos. Usam-se como referenciais teóricos a definição de *habitus* de Bourdieu e o processo de mudança social de Castells.

**Palavras-chave:** Wikileaks; *Habitus*; Ativismo; Mudança Social.

### **ABSTRACT**

The activism generated by the search of changes may occur when some event is able to alter feelings, inducing to the action. The behavior change is a *habitus* change. In this article, we seek to analyze how the information disclosed by Wikileaks may cause a *habitus* change, generating feelings of mobilization, activism. This way, it will be done analyzing some leaks practiced by the Wikileaks and their consequences. As a theoretical reference the definition of *habitus* created by Bourdieu and the process of social change by Castells are using during this analysis.

**Keywords:** Wikileaks; *Habitus*; Activism; Social Change.

## **1 INTRODUÇÃO**

Como exposto no título deste trabalho, Wikileaks: motor de mudança, temos o objetivo de analisar como um site pode operar alterações, seja individualmente – atingindo a consciência das pessoas – seja coletivamente ou afetando a tomada de decisão dos Estados e sua maneira de conduzir a política. Mesmo que em alguns pontos essa mudança possa ser vista de uma maneira idealista, tem-se a consciência de que é um processo demorado e custoso. Tanto para a sociedade civil enxergar a dominação e tanto para mudarem-se as instituições, quando a sociedade já tiver o entendimento sobre sua situação.

Entendemos que é necessária a mudança do *habitus* coletivo para que se opere verdadeira resignificação da dinâmica dos Estados, corporações transnacionais e instituições.

---

<sup>1</sup> Graduando em Relações Internacionais pela Universidade Federal do Pampa, campus Santana do Livramento.

O que motivaria essa resignificação seria o ativismo advindo da mudança do *habitus*, que exerceria pressão para a sociedade civil ser mais ouvida e representada. O papel da Wikileaks seria o de promover a mudança do *habitus*, que se daria ao mostrar para a população a verdade sobre o mundo e a dominação que sofrem através do chamado “biopoder”. A Wikileaks tornaria “transparente todas as armações de governos e corporações mundo à fora” (MALINI; ANTOUN, 2013, p. 202).

Para melhor entendimento do trabalho, a primeira seção do artigo explica o que é a Wikileaks. Apesar de ser um termo muito usado atualmente, defini-lo não é uma tarefa fácil, e muitos que usam seu nome, não sabem realmente do que se trata o site. Nessa primeira seção também é feita uma breve retrospectiva histórica de como o site surgiu e como adquiriu a fama corrente, principalmente, através do vídeo *Collateral Murder*.

Em seguida mostra-se a natureza contestatória da organização ao biopoder, funcionando como a biopolítica, devido a resistência em forma de ciberativismo que propõe. Nesta seção são apresentadas algumas críticas que a Wikileaks recebe por realizar o trabalho de libertação do sistema. E termina ao mostrar como o site pode realizar um tipo de ativismo por ele mesmo, pois busca criar suas próprias narrativas em contraposição as dos grandes conglomerados midiáticos.

No próximo tópico analisamos como a Wikileaks pode levar as pessoas a se organizarem e buscarem o ativismo. O que se deve as informações divulgadas pelo site, que devido ao seu caráter revoltante, podem gerar a raiva nas pessoas, que é o gatilho que leva ao ativismo (CASTELLS, 2013). Com a pressão exercida pelos movimentos sociais no governo, poder-se-ia levá-lo a mudar seu modo de agir, tanto interna quanto externamente e gerar uma mudança no Sistema Internacional.

## **2 A WIKILEAKS**

“*We open governments*”.<sup>2</sup> Esse foi o slogan que a Wikileaks usou ao divulgar milhares de telegramas considerados confidenciais entre as embaixadas americanas do mundo todo e também dentro do Departamento de Estado de Washington, no final de 2010. Esse vazamento gerou uma série de debates entre teóricos de política externa, estadistas, jornalistas

---

<sup>2</sup> Nós abrimos governos (tradução nossa).

e historiadores, que discutiam, praticamente, somente sobre o ato do vazamento em si e não sobre o que ele poderia gerar ou sobre as informações divulgadas.

Isso começou a ser mudado quando a sociedade civil começou a se interessar pelo tema, devido a mudança de estratégia adotada pela Wikileaks: se aproximar de mídias internacionais de grande importância para divulgar seus achados, alcançando um maior número de pessoas e obtendo maior legitimação das informações mostradas. A estratégia foi bem sucedida, como pode ser notada pela *Operation Payback*<sup>3</sup> realizada pelo grupo *Anonymous*<sup>4</sup>, que desestabilizou sites de organizações financeiras que estavam se negando a receber doações destinadas ao Wikileaks, devido a grande caçada estadunidense a existência da organização. Aqui, notamos uma contribuição da Wikileaks, que como destaca a revista *Info*, em 2011 (apud ARAÚJO, 2013, p.16), apesar do grupo *Anonymous* já existir antes do site, é depois de seus vazamentos que o grupo passa a ter maior preocupação política.

Apesar de ter conseguido atingir algumas camadas e grupos da sociedade, o grande público, como define Pedro Luís (2011), que não se interessa por temas como a política externa, tem interesse limitado aos assuntos e informações divulgadas pela Wikileaks. Se houvesse mudança de mentalidade, postura e de *habitus*, que se trata do que “produz as práticas, individuais e coletivas” e que garante “a conformidade das práticas e sua constância ao longo do tempo” (BOURDIEU, p. 90), e atingisse grande parte da população poderia levar a mudanças significativas no comportamento do Estado.

O site com o nome Wikileaks surge na rede no ano de 2006 com uma proposta que não logrou êxito. Sua ideia era funcionar como o conhecido site Wikipedia, no qual qualquer pessoa que se interessasse pelo assunto poderia dar sua opinião, assim, todos seriam editores do site. Os documentos recebidos e vazados pelo sítio teriam, então, sua veracidade avaliada pelos internautas interessados. “A Wikileaks irá proporcionar um fórum para toda a comunidade global examinar a credibilidade, plausibilidade, veracidade e falsidade de qualquer documento” (WIKILEAKS, apud ARAÚJO, 2013, p. 12).

Mesmo com a boa proposta de divulgar segredos, os famosos segredos de Estado, a Wikileaks passou por dificuldades em seu começo e saiu do ar em dezembro de 2009, devido a problemas financeiros – falta de doações – e lançaram a campanha: “We protect the world –

---

<sup>3</sup> Operação Vingança (tradução nossa).

<sup>4</sup> Grupo hacker sem ideologia definida, que tem um de seus principais objetivos a luta para a circulação de livre informação na internet.

but will you protect us?”<sup>5</sup>. Durante essa pausa forçada chegou até os idealizadores do site, cujo principal nome é Julian Assange, os telegramas, vídeos e imagens, que deram a fama atual ao sítio. Foi nesse período, também, que ocorreu a mudança de estratégia em relação aos vazamentos; por fim, houve o entendimento que era necessário se comunicar com os grandes jornais e formaram-se parcerias com “grandes conglomerados de mídia como *The New York Times*, *The Guardian*, *Le Monde*, *Al Jazeera* e *Der Spiegel*” (ARAÚJO, 2013, p. 13).

O nome considerado como o grande responsável por vaziar essas informações é Bradley Manning. Devido ao sistema de compartilhamento de informações norte-americano daquele momento, era permitido aos computadores integrados acessar informações de várias áreas, como a de defesa e de diplomacia, por exemplo, e por isso Bradley pôde ter acesso as informações que copiou, quando servia militarmente no Iraque. Os motivos que levaram Bradley começar a procurar são imprecisos, porém o documentário, “We steal secrets”, realiza um bom trabalho e retrata a história. Sobre o que não há questionamentos é que quando Manning começou a se aprofundar na “caixa preta” dos Estados Unidos, suas ideias mudaram. Então, “exposto aos horrores da guerra ao terror, passou a questionar o papel dos Estados Unidos como defensor do mundo livre e a causa das suas batalhas” (O Globo, 2013). Pode-se perceber uma clara mudança de *habitus*.

Os documentos fornecidos por Manning proporcionaram aos fundadores da Wikileaks criarem o vídeo *Collateral Murder*<sup>6</sup>, como dito por um deles, Domscheit-berg, “esse vídeo foi nossa reviravolta definitiva; depois dele, todos passaram a conhecer nosso site” (apud, ARAÚJO, 2013, p. 91). Esse vídeo mostra militares americanos a bordo de um helicóptero militar Apache, no Iraque, disparando contra civis e falando de maneira tranquila enquanto realizavam os assassinatos. Dois funcionários da agência de notícias Reuters foram mortos e duas crianças ficaram seriamente feridas. Depois desse vídeo as doações aumentaram substancialmente. Motivado pela divulgação dos telegramas oficiais e do vídeo, o governo norte-americano tentou atacar o site, proibindo as empresas de repassarem as verbas doadas, quando houve, então, a *Operation Payback*. Seus servidores atuais estão protegidos e localizados em Estocolmo, Suécia. As empresas também não se negam mais a repassar as doações.

Julian Assange, assim define a Wikileaks:

---

<sup>5</sup> Nós protegemos o mundo, mas você irá nos proteger? (tradução nossa).

<sup>6</sup> Assassinato Colateral (tradução nossa).

O Wikileaks é uma série de coisas. É um website, uma tecnologia funcional, um caminho filosófico. É também uma rede de pessoas que acreditam em algo... Defendemos um conceito bem simples, mas abstrato: a verdade é o único ingrediente realmente útil na hora de tomar decisões. E tais decisões, até pelo quanto podem afetar o mundo, devem sempre ter por base a verdade. Então, trazer o máximo de informação real à tona é o jeito certo de decidir as coisas. Parece um tanto abstrato, mas é muito, muito importante, e nos leva à liberdade de imprensa, à liberdade de expressão... E foi justamente por acreditar nisso que decidi que deveríamos criar mecanismos e botar isso em prática. O Wikileaks é essa filosofia na prática, e acho que por isso acabamos inspirando as pessoas (BOCCHINI; CAPAI, apud ARAÚJO, 2013, p. 88).

### **3 WIKILEAKS – QUESTIONAMENTO E MUDANÇA**

Diante do controle dos Estados e corporações transnacionais sobre as informações, como elas são transmitidas e fabricadas, o que se espera é que a sociedade possa questionar os informes recebidos. Nesse ponto se insere o mínimo que a Wikileaks pode oferecer. Ao abrir a caixa preta dos Estados, principalmente a dos Estados Unidos, o site mostra que as informações divulgadas todos os dias sofrem uma deturpação para beneficiar um ou outro grupo, nem sempre propositalmente. A Wikileaks possui a ideologia de que todas as pessoas têm direito de saber o que realmente se passa no mundo, como as decisões são tomadas e de que maneira são aplicadas. Por isso agem através dos vazamentos de documentos confidenciais, que para Bill Keller, são assim classificados, “pois o governo dos Estados Unidos tem uma longa história de carimbar informações como secretas, para esconder trapalhadas ou encobrir erros embaraçosos” (apud RODRIGUES, 2011, p. 35). Além de puras trapalhadas, a classificação dessas informações esconde a maneira desumana como os Estados Unidos conduzem sua política externa.

O controle existente na sociedade atual pode ser explicado pela criação do biopoder, de Foucault. “Na lógica do biopoder, já não se governa somente o corpo da população, mas todo o seu meio ambiente, a sua comunicação, os seus conhecimentos e seus afetos” (MALINI; ANTOUN, 2013, p. 161). Diferentemente da era clássica, na qual o controle era obtido através da violência e da coerção, hoje, considera-se o ato de vigiar mais eficiente do que o de punir e, assim, a violência é trocada pelas instituições e pela burocracia. O poder torna-se uma rede e dessa maneira se torna mais difícil identificá-lo e combatê-lo. “O poder deve ser analisado como algo que circula [...] Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está

nas mãos de alguns, nunca é apropriado como riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede” (FOUCAULT, apud ARAÚJO, 2013, p. 50).

Toda forma de poder ou dominação encontra um limite, ou chega-se ao ponto que encontra resistência. Ainda dentro da ideia de Foucault, temos a biopolítica como meio de se contrapor ao biopoder.

A biopolítica é um conjunto de atos de resistência e de contra insurgência de vidas que não se deixam capturar pelo controle e reivindicam uma economia da cooperação que mantenha os bens comuns dentro de um direito e de um espaço público, para além da noção que este deva ser regulado e garantido por um estado, portanto, por um agente de força exterior aos indivíduos, sem que isso seja uma experiência anárquica, mas de uma democracia que se constitui por direitos sempre abertos e potencializadores da liberdade (MALINI; ANTOUN, 2013, p. 175).

Nesse contexto da biopolítica como meio de resistência encaixa-se o ciberativismo realizado pela Wikileaks. Diante das instituições, dos mecanismos de controle, da influência e formação de opiniões, alienação, a Wikileaks, através da cooperação entre os demais internautas da rede, distribui as informações recebidas para que a sociedade possa ter conhecimento da lógica de dominação que a envolve. Não somente a dominação, mas também todas as mentiras e manipulações que os entes dominantes tentam transmitir através de seus aparelhos de controle. Falseando os informes transmitidos constantemente, a Wikileaks pode vir a plantar o germen da dúvida nas pessoas, levando, assim, ao questionamento.

Realizar esse trabalho de libertação do sistema não poderia ficar isento de críticas ou contestações, afinal, nem todos apoiam o Wikileaks. O principal opositor do site é, sem dúvidas, o governo dos Estados Unidos. Isso ocorre, formalmente, por ter sido ele o mais afetado, tendo milhares de informações confidenciais vazadas. Do ato de vazamento, Bradley infringiu a lei americana e por isso foi julgado e condenado. Pode-se fazer um paralelo com diversos autores de Best Sellers americanos que usaram informações vazadas para criar suas histórias e nunca foram culpados (SPEKTOR, 2011). Também não podem processar Julian Assange, por não ser um nacional americano e não poder ser extraditado. Assange atualmente se encontra exilado na Embaixada do Equador em Londres, desde junho de 2012, sem conseguir salvo conduto para se locomover ao aeroporto. Assim se encontra, pois há um pedido de sua extradição para a Suécia sob a acusação de lá ter cometido crimes sexuais.

Dentre os outros opositores encontram-se, principalmente, aqueles que se negam a aceitar qualquer mudança no *status quo*, ou seja, para quem a atual configuração do sistema mundial é favorável. Como dito por Pedro Luiz Rodrigues (2011):

“Para estes, em questões de política externa a sociedade pode saber de alguma coisa, mas não precisa saber muito, e nunca saber tudo. Em alguns casos, os governantes não se inibem mesmo em engabelar a opinião pública com meias verdades, ou mesmo absolutas mentiras. Exemplos dessa prática não são raros, inclusive envolvendo países que proclamam, no âmbito da política interna, as excelências da democracia e da transparência”.

Ainda no texto de Pedro Luiz, ele cita Gelson Fonseca que lembra que para os realistas<sup>7</sup> quando se trata de política externa deve-se evitar a influência da opinião pública, que se submete a paixões e manipulações, e também evitar a pressão de interesses setoriais.

Podemos enumerar alguns argumentos contrários ao sítio, como apontado por Matias Spektor (2011). Diz-se que ele poderá atrapalhar o trabalho dos historiadores, ao tornar mais difícil o acesso e o estudo de documentos sensíveis. Primeiramente, o vazamento trouxe a tona um tema necessário à discussão: o acesso as informações diplomáticas. Em segundo lugar não houve evidência de que os vazamentos transformaram o sistema de classificação. Também se aponta que a Wikileaks pode colocar em risco a vida de informantes, porém as informações veiculadas pelo site, em sua ampla maioria, retiram nomes que podem vir a comprometer a vida de alguém. Por fim, há o fato de que o site não apresenta um procedimento formal e depende da gestão única dos seus donos. Essa falta de transferência deve servir de alerta para quem utilizar o site, pois se trata de uma gestão pessoal, sem regras institucionalizadas.

Um dos principais argumentos apontados por Spektor contra o Wikileaks é que ele minaria as bases da diplomacia americana. Assim se sucederia, pois os Estados ficariam menos propensos a trocarem informações sensíveis com os Estados Unidos, alguns diplomatas hesitariam ao redigir importantes telegramas, pelo menos como um efeito temporário. Faço uma análise diferente. Entendo esse ponto como sendo positivo. Positivo, pois mina as bases de uma diplomacia desonesta, que viola os Direitos Humanos, que não respeita a soberania de vários países. E, enfraquecida, deveria se reinventar, desse modo,

---

<sup>7</sup> Corrente teórica dentro da academia de Relações Internacionais. As premissas comuns entre as vertentes do realismo “são a centralidade do Estado, que tem por objetivo central sua sobrevivência, a função do poder para garantir essa sobrevivência, seja de maneira independente – no que seria caracterizada a auto-ajuda – seja por meio de alianças, e a resultante anarquia internacional” (NOGUEIRA; MESSARI, 2005, p. 23).

poderia resurgir diferente, tendo como base outros valores, diferentes daqueles que hoje guiam sua atuação.

Celso Lafer (2011) diz que a diplomacia “tem a sua raiz na necessidade que os Estados e suas sociedades têm de se comunicar e interagir de maneira institucionalizada num mundo compartilhado”. Sem dúvida a diplomacia é de fundamental importância e, por vezes, o processo de negociação de acordos e tratados tem de ser sigiloso. Porém, o problema não é o sigilo ou a diplomacia em si. O problema é a deterioração das instituições e dos Estados, que funcionam como instrumentos do biopoder, atuam somente a favor de uma elite e deixam de ser representativas. Desse modo, perdem a razão de existir.

A Wikileaks exerce a função de uma mídia livre atual, pois cria suas informações sem um intermediário e apresenta uma visão paralela àquela dos grandes conglomerados da mídia. Mesmo que a Wikileaks tenha firmado parcerias com várias agências midiáticas respeitadas ao redor do mundo, ele não perde sua origem, pois não se submete a elas ao repassar suas informações. Pelo contrário, fornece aos conglomerados da informação elementos que podem utilizar para construir suas reportagens, espalhando ainda mais as informações. Há a disputa para se construir a narrativa dominante entre a mídia convencional e a alternativa. Uma narrativa seria o uso da informação “para produzir efeitos de percepção ou efeitos afetivos sobre alguma população ou grupo social, visando tanto promover ou inibir sua própria ação enquanto grupo, quanto inibir ou promover algum tipo de ação social sobre esta população” (MALINI; ANTOUN, 2013, p. 159). A Wikileaks trabalha para a formação de uma narrativa que traga a percepção da realidade, divulgando os vazamentos em seu site e, ainda, influencia na construção da narrativa das mídias tradicionais, para que deixem de ser tão influenciadas pelos Estados e grandes corporações e passem a retratar mais fidedignamente as ações destas. Além de ser um meio de ativismo em si só, a Wikileaks, ao proporcionar a todos conhecerem a realidade instiga e provoca as pessoas a buscarem mudanças, ao buscar o ativismo.

#### **4 WIKILEAKS E ATIVISMO**

Como dito por Assange, em sua definição da Wikileaks, o site tem como objetivo trazer o máximo de informação real à tona. Já foi citado que a maioria dos escritos sobre o

sítio se preocupam com o ato de vazamento em si, sobre a fragilidade do sistema em controlar as informações. Poucos são os que se preocupam com o conteúdo do que foi vazado. Os direitos humanos estão sendo violados sistematicamente, não só nos palcos de guerra criados pelos Estados Unidos, também em suas prisões<sup>8</sup>, há pessoas morrendo e sendo torturadas. Planos são criados pelo governo norte americano para derrubar presidentes eleitos democraticamente<sup>9</sup> em outros países. As informações estão todas na rede e não parecem ter o destaque adequado.

As informações da Wikileaks mostram o fracasso das instituições mundiais. Como dito por Castells (2013), os movimentos sociais “são induzidos por uma profunda desconfiança nas instituições políticas que administram a sociedade”, assim, há a certeza da falta de representatividade desses órgãos.

Como apontado por Castells, a mudança social é “emocionalmente motivada”, assim como todo comportamento humano. O gatilho responsável por levar as pessoas a se organizarem e buscarem as mudanças é a *raiva*. “A raiva aumenta com a percepção injusta e com a identificação do agente por ela responsável” (CASTELLS, 2013, p. 158). Os dados da Wikileaks afetam a noção de poder como rede, do biopoder, e nomeiam o agente repressor, além de mostrar como a repressão é feita. Personalizando o repressor, fica fácil criar um antagonista comum. Criado o antagonista, a *empatia* será responsável por juntar aqueles que são contra essa dominação e superar o *medo*, que é o repressor, por levar a evitar-se o perigo (CASTELLS, 2013). Deixado o medo de lado, a raiva tem a preponderância e leva o manifestante a assumir os riscos.

O que mantém os movimentos sociais vivos é a *esperança* de uma possível mudança, motivados pelas revoltas que foram bem sucedidas em outras partes do mundo. Entre seus objetivos estão a mudança dos valores da sociedade.

Assim como Bradley que mudou seu *habitus*, após ter contato com os documentos classificados, a Wikileaks ao divulgar as informações na rede tem o poder de mudar o *habitus* de milhares de pessoas ao redor do mundo. Trata-se de fazer a sociedade civil ir buscar mudanças. Não é como, simplesmente, fazer as pessoas saírem de sua zona de conforto. É mais profundo, trata-se de uma mudança de mentalidade. “A derradeira batalha pela mudança

---

<sup>8</sup> Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/mundo/noticias/wikileaks-comeca-a-divulgar-documentos-sobre-guantanamo?page=2>>. Acesso em 26 de março de 2014.

<sup>9</sup> Disponível em: <<http://www.apublica.org/2013/03/passo-passo-plano-da-usaid-para-acabar-governo-de-chavez/>>. Acesso em 26 de março de 2014.

social é decidida na mente das pessoas” (CASTELLS, 2013, p. 173). Mesmo que a Wikileaks, por si só, não consiga trazer mudanças, uma grande vitória seria “aumentar a consciência dos cidadãos em geral, qualificá-los pela participação nos próprios movimentos e num amplo processo de deliberação sobre suas vidas e seu país, e confiar em sua capacidade de tomar suas próprias decisões em relação à classe política” (CASTELLS, 2013, p. 173).

Os movimentos sociais devem se juntar e exercer pressão sobre a política e as instituições, para que se tornem mais representativas e se recordem de suas origens populares e de sua razão de existir, representar a sociedade. A sociedade civil e a opinião pública “poderá adquirir magnitude suficiente para gerar impulsos de natureza política, capazes de influenciar os processos de poder” (RODRIGUES, 2011, p. 35). Influenciar esses processos no âmbito doméstico para que toda população possa ser abarcada com os benefícios das instituições democráticas, e influenciar a formação da política externa e a maneira do Estado agir internacionalmente. Se ocorrer a mudança da mentalidade na sociedade, ocorrerá também no Estado, que passará a agir com valores diferentes o que pode gerar uma verdadeira mudança no Sistema Internacional.

Essa mudança poderia ocorrer como exposto por Wendt (2013), dentro de sua teoria Construtivista nas Relações Internacionais. A mudança se daria em quatro etapas. A primeira seria a quebra de consenso acerca da identidade, por parte do Estado. Na primeira etapa que se encontra a importância fundamental do ativismo. Seria o ativismo que iria mostrar aos governantes estatais que a população está farta da maneira como a política vem sendo conduzida e exige que haja mudanças. Com o consenso quebrado, haveria a segunda etapa, que é a desnaturalização “das práticas que reproduzem ideias aparentemente inevitáveis acerca de si próprio e de outros” (WENDT, 2013, p. 464). Na terceira etapa deveria haver a prática do *altercasting*, que consiste no “‘eu’ tenta induzir o ‘outro’ a tomar uma nova identidade, assim, alistando o ‘outro’ no esforço do ‘eu’ de mudar a si próprio, tratando o ‘outro’ como se já tivesse essa identidade” (Idem, p. 465). Quando algum meio de ativismo consegue mudar seu país, já é uma grande vitória, pois este país poderá alistar outros no seu esforço de mudança, operando alterações em escalas maiores ainda. Na última etapa, o “outro” deverá recompensar as práticas do “eu”, para encorajá-las e institucionalizar uma identificação positiva entre eles, formalizando a mudança de atitude.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os movimentos sociais como um todo e de maneira global aumentaram substancialmente e, muitas vezes, suas demandas são atendidas ou colocadas em pauta de discussão. É evidente que um processo de mudança ainda parece muito distante e quando mais se aproxima dele, mais se afasta. Porém o movimento não pode parar. Presenciamos um momento singular da história, no qual a comunicação em rede facilita a troca de informações e possibilita construções de movimentos interessados em buscar mudanças. Mesmo que muitos movimentos não tenham sido capazes de alcançar suas pautas de maneira visível, o seu legado “consiste na mudança cultural que produziu com sua ação” (CASTELLS, 2013, p. 175).

A Wikileaks deve ser analisada assim. Os documentos expostos possuem capacidade de gerar revolta, de desestabilizar governos, porém isso nunca aconteceu. E pode vir a nunca acontecer. Entretanto, o mundo após a Wikileaks nunca será o mesmo. Por mais que haja manipulações e propagandas diminuindo a importância do site, seus efeitos são imensuráveis. A Wikileaks abriu a caixa preta de vários governos, mostrou a lógica puramente capitalista na qual algumas empresas conduzem seus negócios, de maneira que não há como ser negado. Há provas. Há documentos. A informação está na rede exposta para quem quiser ver.

São essas informações que devem revoltar a sociedade e fazer com que se mobilizem no esforço de buscar mudanças. Infelizmente, são poucos os que têm acesso a esses documentos, e menores ainda os que vão buscar se mobilizar após ter obtido o conhecimento. Porém, o motor de mudança da Wikileaks existe e é gigantesco. Não há uma consciência coletiva capaz de enxergar isso e colocar um basta nos abusos que os Estados dominantes impõem a população global diariamente. Falta a conquista desse instrumento – a Wikileaks – pela população em geral, falta a politização da sociedade.

Podemos concluir que a Wikileaks fez sua parte, exerceu bem seu papel. A organização abriu governos, roubou segredos e nunca desistiu. Seus fundadores, quatro anos depois do clímax vivido pelo site, ainda sofrem com a perseguição. Há dois anos Julian Assange vive dentro de uma embaixada. E, além de ser um motor de mudança por si só, ao obrigar os governos prestar esclarecimentos sobre seus atos, também oferece a sociedade esse motor. Oferece a verdade, a liberdade, a contestação. E a verdade não é bela. A Wikileaks a mostra tanto para quem não a quer enxergar, tanto para quem está submetido dentro da

dominação e não pode vê-la. Assim, encerramos com a frase do nosso ex-presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, “então, Wikileaks, minha solidariedade pela divulgação das coisas” (9 de dezembro de 2010, apud RODRIGUES, 2011).

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, W. F. “**We Open Governments**”: Uma análise de discurso do ciberativismo praticado pela organização Wikileaks. 2013. 207 f. Tese (Mestrado em Processos e Manifestações Culturais) - Universidade Feevale, Novo Hamburgo – RS.

BOURDIEU, P. **Estrutura, habitus e práticas.**

Bradley Manning é sentenciado a 35 anos de prisão. **O Globo.** Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/mundo/bradley-manning-sentenciado-35-anos-de-prisao-9637799>>. Acesso em 27 de março de 2014.

CASTELLS, M. **Redes de Indignação e Esperança** - Movimentos Sociais na Era da Internet. Zahar, 2013.

LAFER, C. Vazamentos, sigilo, diplomacia: a propósito do significado do Wikileaks. **Política Externa**, São Paulo, volume 19, nº 4. Páginas: 11 a 17. Mar/Abr/Mai de 2011.

MALINI, F.; ANTOUN, H. **A internet e a rua:** ciberativismo e mobilização nas redes sociais. Porto Alegre: Sulina, 2013. 278 p. Coleção Cibercultura.

NOGUEIRA, J. P.; MESSARI, N. **Teoria das Relações Internacionais.** 1º Ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

PREVIDELLI, A. Como é a vida de Assange na embaixada do Equador. **Exame.** Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/mundo/noticias/como-anda-a-vida-de-assange-na-embaixada-do-equador>>. Acesso em 27 de março de 2014.

RODRIGUES, Pedro L. Westphalia x Wikileaks, um nó a ser desatado. **Política Externa**, São Paulo, volume 19, nº 4. Páginas: 31 a 37. Mar/Abr/Mai de 2011.

SPEKTOR, M. Wikileaks nas Relações Internacionais. **Política Externa**, São Paulo, volume 19, nº 4. Páginas: 19 a 29. Mar/Abr/Mai de 2011.

VIANA, N.; BODENMULLER, L. Passo a Passo, o plano da Usaid para acabar com o governo de Chávez. **Pública.** Disponível em: <<http://www.apublica.org/2013/03/passo-passo-plano-da-usaid-para-acabar-governo-de-chavez/>>. Acesso em 26 de março de 2014.

WENDT, A. A Anarquia é o que os Estados fazem dela: a construção social da política de poder. **Revista de Relações Internacionais da UFGD**, Dourados, v.2 n.3, Jan/Jun 2013.



Wikileaks começa a divulgar documentos sobre Guantánamo. **Exame**. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/mundo/noticias/wikileaks-comeca-a-divulgar-documentos-sobre-guantanamo?page=2>>. Acesso em 26 de março de 2014.